

Apoio



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Realização



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação



Este livro integra a Coleção Juvenil MAIS PAIC MAIS LITERATURA, composta de crônicas, contos, novelas, romances, cordéis e poesias. Escrita e ilustrada por autores do Ceará, ela traz aventuras desafiadoras, existenciais, em cenários da cultura e da história local. Sua temática constitui estímulo a mais para se ler e dialogar nos Clubes de Leitura dos 6º e 7º anos das escolas públicas do Ceará.

Saiba mais: <http://www.paic.seduc.ce.gov.br>

ISBN 978-85-8171-215-4



9 788581 712154

VENDA PROIBIDA



Vanusa Benício Lopes
Ilustrações Adams Pinto

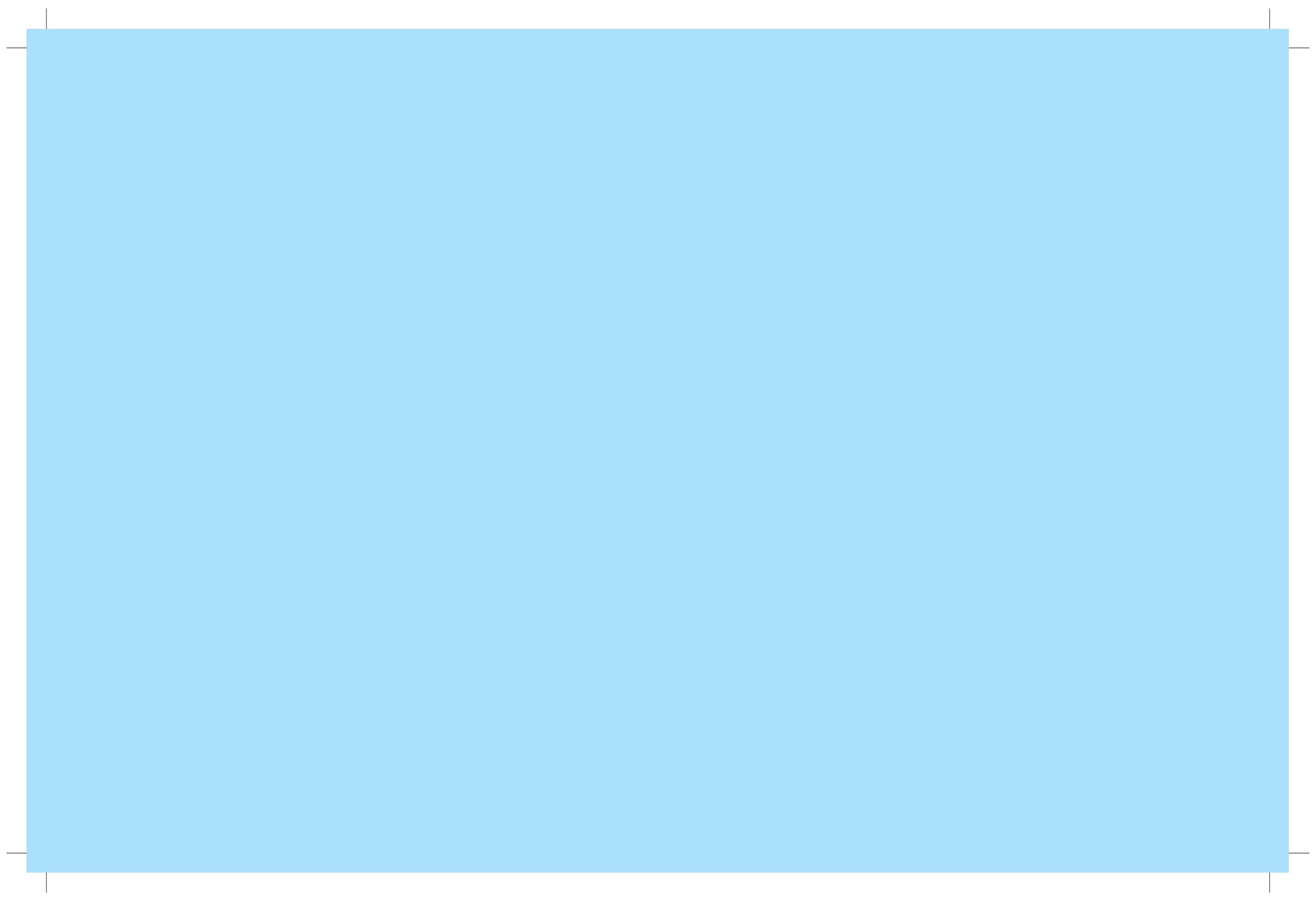
Viagem, Enigmas e Sonhos: a Alegria de Conhecer!



Viagem, Enigmas e Sonhos: a Alegria de Conhecer! • COLEÇÃO MAIS PAIC MAIS LITERATURA



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação





Vanusa Benício Lopes
Ilustrações Adams Pinto

Viagem, Enigmas e Sonhos: a Alegria de Conhecer!



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

Fortaleza • Ceará

Copyright © 2018 Vanusa Benício Lopes
Copyright © 2018 Adams Pinto

Governador

Camilo Sobreira de Santana

Vice-Governadora

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretário da Educação

Rogers Vasconcelos Mendes

Secretária-Executiva da Educação

Rita de Cássia Tavares Colares

*Coordenador de Cooperação
com os Municípios (COPEM)*

Márcio Pereira de Brito

*Orientadora da Célula
de Apoio à Gestão Municipal*

Gilgleanne Silva do Carmo

*Orientador da Célula
de Fortalecimento da Aprendizagem*

Idelson de Almeida Paiva Júnior

*Orientadora da Célula
do Ensino Fundamental II*

Ana Gardenny Linard Sírio Oliveira

•••
*Coordenação Editorial,
Preparação de Originais e Revisão*

Kelsen Bravos

Projeto e Coordenação Gráfica

Daniel Dias

Design Gráfico

Emanuel Oliveira

Eduardo Azevedo

Revisão Final

Marta Maria Braide Lima

Sammya Santos Araújo

Conselho Editorial

Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda

Sammya Santos Araújo

Antônio Êlder Monteiro de Sales

Sandra Maria Silva Leite

Antônia Varele da Silva Gama

Catálogo e Normalização

Gabriela Alves Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L864v Lopes, Vanusa Benício.

Viagem, enigmas e sonhos: a alegria de conhecer! / Vanusa Benício
Lopes; ilustrações de Adams Pinto. - Fortaleza: SEDUC, 2018.

88p. il.

ISBN 978-85-8171-215-4

1. Literatura infantojuvenil. I. Pinto, Adams. II. Título.

CDU 028.5



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

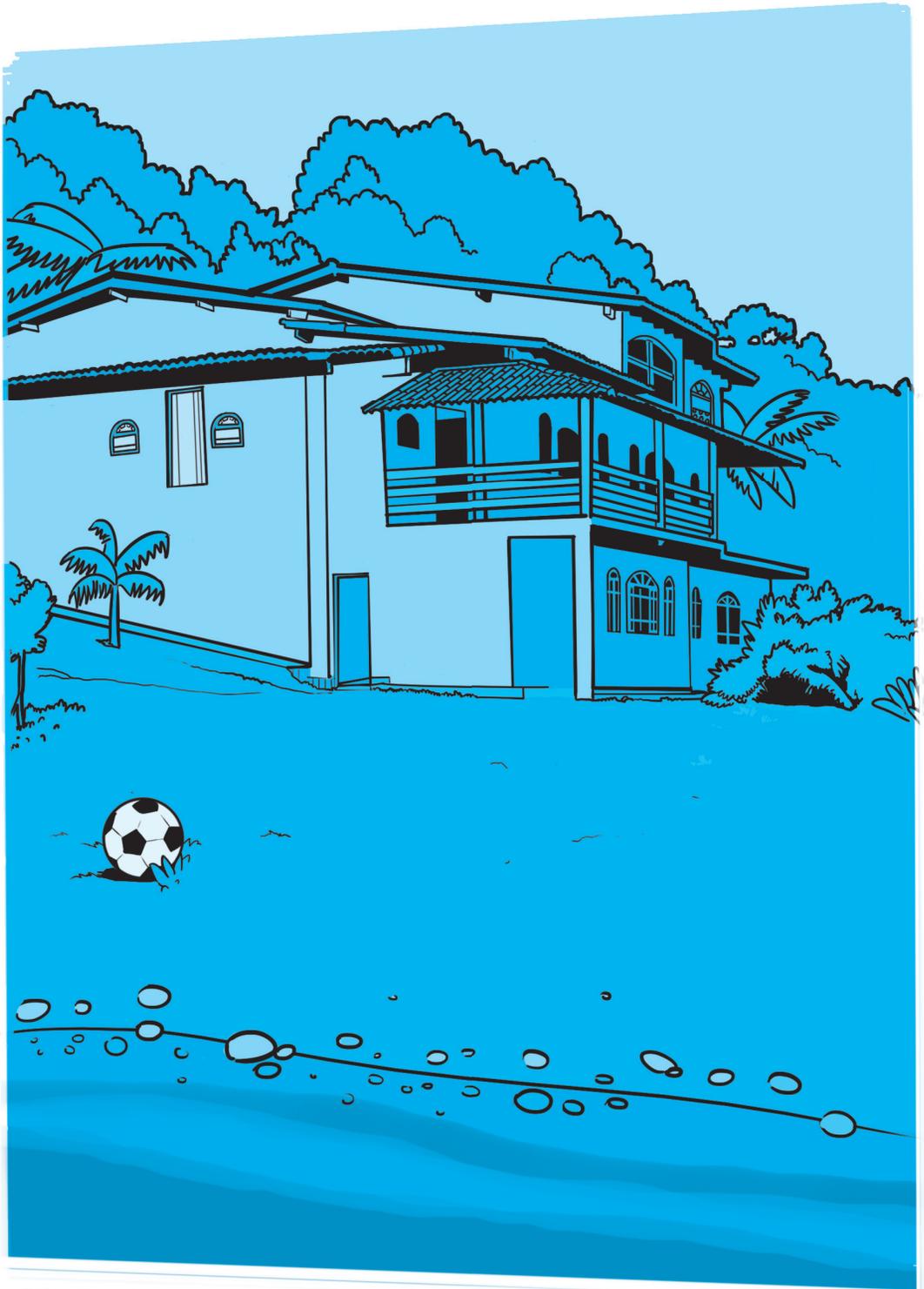
SEDUC - Secretaria da Educação do Estado do Ceará

Av. Gen. Afonso Albuquerque Lima, s/n - Cambeba

Fortaleza - Ceará | CEP: 60.822-325

(Todos os Direitos Reservados)

Às minhas queridas filhas Vitória e Gisele, por entenderem a minha ausência nos momentos dedicados aos estudos e ao trabalho. E à minha querida mãe Maria Helena, fonte de inspiração para mim, por toda a minha existência.



Passar as férias no sítio do vovô Joaquim. Saborear as delícias que a vovó preparava, me divertir com os meus primos Paulinho e Rafael e com a minha prima Vitória e, ainda, à noitinha, ouvir as histórias emocionantes que o vovô e a vovó contavam, era tudo o que eu passava o ano inteiro esperando. Lá no sítio do vovô tinha um açude, um campo para jogar bola, uma cachoeira, um pomar cheio de árvores frutíferas, uma casinha na árvore, havia cavalos, vacas, galinhas, um cachorro e muita, muita alegria.

Todos os anos era a mesma história. Começavam as aulas, professora nova, turma nova, livros novos e muita aprendizagem. Era maravilhoso! Às vezes, dava uma preguiça de estudar. Mas isso, não pode contar para a minha mãe. É segredo! Em casa, a mamãe logo avisava: — Se não tirar notas boas, não vai passar as férias no sítio do vovô.

O sítio do vovô Joaquim fica lá no interior do Ceará. Numa cidade chamada Quixadá. Terra linda! Cercada por monólitos! Você sabe o que são monólitos? São pedras gigantes. E tem algumas lendas! A Pedra da Galinha Choca é uma pedra gigante num formato de uma galinha, dizem que ela botava ovos de ouro. Essa história virou um filme, mas eu nunca tinha assistido.

Tem a Pedra do Cruzeiro. Essa fica no centro da cidade, mais ou menos ao lado da igreja matriz. E como era gostoso subir naquela pedra e ficar admirando lá de cima toda a cidade. Tudo ficava tão pequenininho. Que saudades!

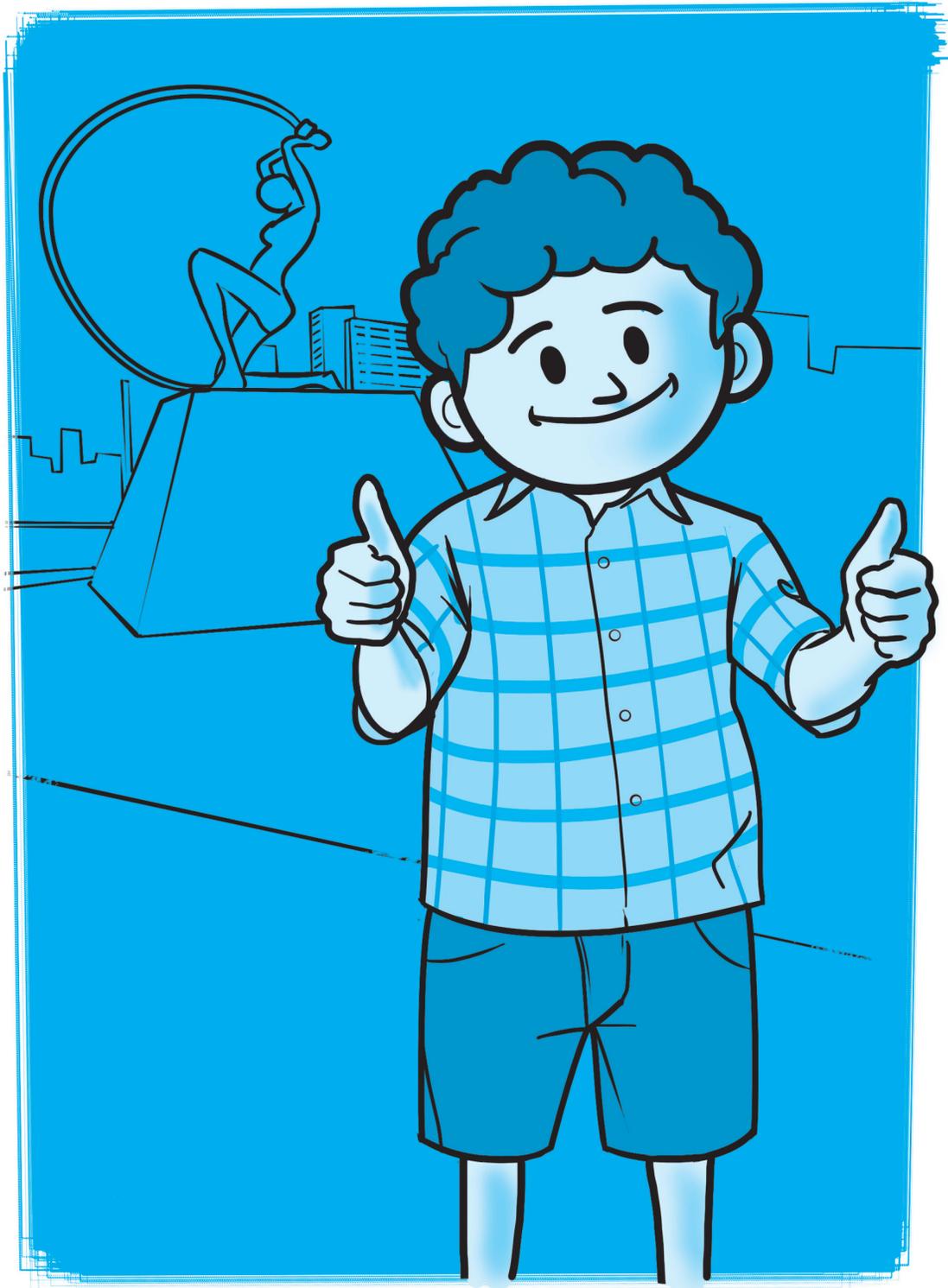
Em Quixadá, tem também o Chalé da Pedra. É uma casa construída em cima de uma pedra. Gigante, é claro! E a Pedra faladeira! Pois não é que eu pensava que ela falava de

verdade! Mas ela imita o que falamos, emite um eco, essa pedra fica lá no Açude do Cedro. Esse açude é um dos pontos turísticos que mais se destaca naquela cidade. A parede foi construída pelos escravos. É lindo de se ver.

Ah! Pois eu não ia esquecendo de contar, dizem que lá em Quixadá aparecem ETs e discos voadores. Realmente é difícil imaginar um lugar melhor do que esse para passar as férias.

Mas, vamos ao sítio do vovô! Há alguns anos atrás, aguardávamos ansiosos pela chegada das férias, e nesse ano tivemos as melhores férias de nossas vidas. Dessa vez, pois não é que encontramos um mapa de um tesouro! Parecia que estávamos entrando em um livro de histórias encantadas, daqueles livros de piratas, de encantos e de magia.

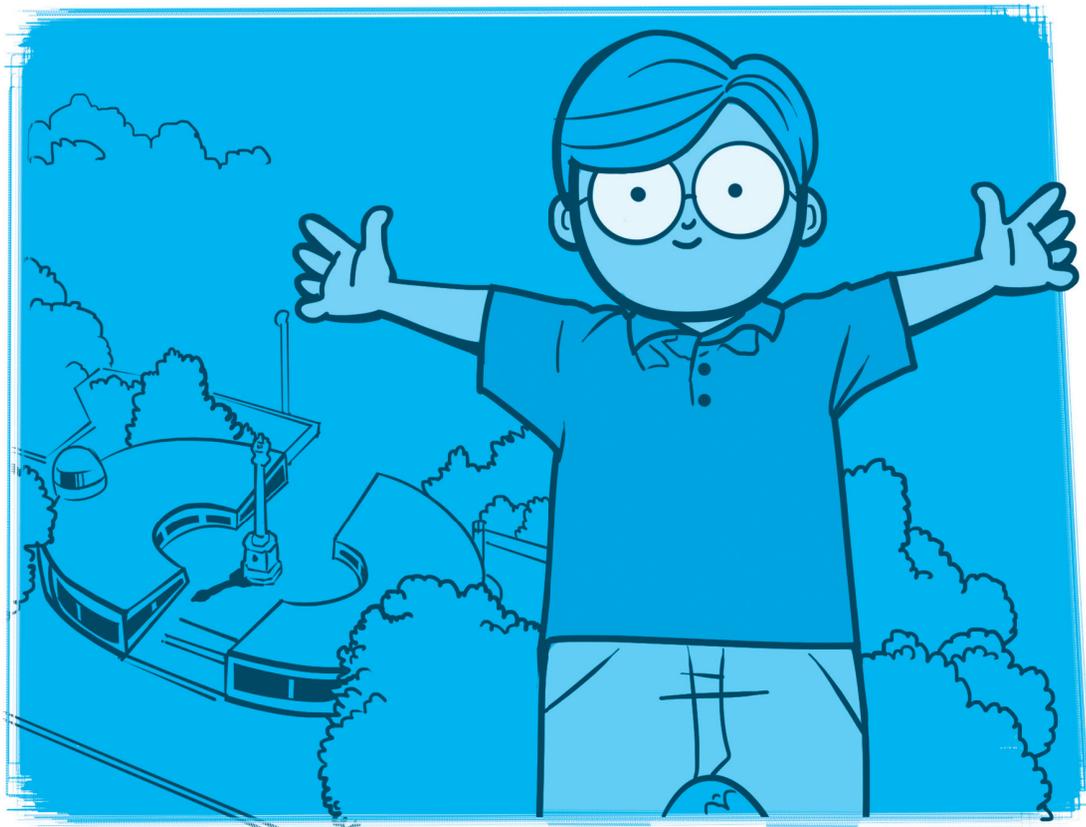
Vou contar como tudo aconteceu...



As férias começaram, e os primos iam chegando um a um no sítio do vovô Joaquim. Ah! Eu sou o Davi, moro em Fortaleza, a capital do Ceará, cidade bela, onde não faltam atrações turísticas o ano inteiro, a começar pela bonita orla central formada pelas praias de Iracema, Meireles e Mucuripe, unidas pela Avenida Beira-Mar, ponto de encontro de turistas e moradores ao entardecer. Outro destaque na cidade é o famoso Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, além de muitos outros atrativos.

Mas, nas férias, eu queria mesmo era ir para o interior, curtir um lugar mais pacato e tranquilo, longe do barulhão da cidade grande. Por isso, eu era sempre o primeiro a chegar à casa do vovô. Era o primeiro a começar a saborear as delícias que a vovó Helena preparava. Ela fazia um bolo com cobertura e raspa de limão. Esse era o meu bolo favorito. E os doces! Que delícia!

Depois chegava o Paulinho, que morava em Sobral – essa cidade, ficou conhecida, internacionalmente, por ter sido o local de comprovação da teoria da relatividade de Albert Einstein em 1919 –. Paulinho disse que os turistas adoram ir ao Museu do Eclipse. Fiquei louco para conhecer esse museu. Não vejo a hora de ir numas férias dessas para a casa de Paulinho, sem esquecer das famosas praças e igrejas.



Em seguida, quem sempre chegava era a Vitória. Ela morava em Ocara. Cidade natal de Pedro Boca Rica, bonequeiro e folclorista que ficou famoso, internacionalmente, pela arte de fazer bonecos. Para ele, os bonecos tinham alma!

O Rafael, que só chamávamos de Rafinha, sempre era o último a chegar, dizia que só tinha graça, depois que todos já estivessem na casa do vovô. Ele morava em Fortaleza, também, mas nunca chegávamos juntos.

Pronto! Agora! Estávamos o quarteto completo para a diversão.

Quando todos acabaram de chegar, já era sete de julho e tínhamos apenas vinte dias para curtir aquelas férias, pois precisávamos voltar a fim de nos preparar para o retorno às aulas. Vovó preparou muitas guloseimas: eram bolos, doces, mungunzá, torta de legumes, baião

e saladas. Vovô Joaquim adorava assar carne naquele seu fogareiro, era uma espécie de churrasqueira portátil, ele levava para onde queria. Que delícia era aquele churrasquinho que o vovô fazia.

E tudo começou! Fomos tomar banho no açude, subir nas árvores. Lá no sítio do vovô tinha mangueiras, goiabeiras, bananeiras, mamoeiros, laranjeiras, coqueiros, etc. Subir nas árvores era emocionante. E saborear as frutas colhidas do pé e fresquinhas, era uma gostosura.

Aquele lugar era realmente um paraíso. O paraíso do vovô Joaquim. À noite, não tinha outra programação: vovô Joaquim e vovó Helena adoravam contar histórias. Eram muitas histórias, fantásticas e cheias de mistério. Reuníamos-nos no alpendre na frente da casa e ficávamos horas ali. Iluminados pela lua e pelas estrelas, ouvindo o cantarolar dos grilos, apre-



ciando as luzes dos vaga-lumes e atentos às histórias que vovô e vovó contavam, nem víamos o tempo passar.

Numa noite dessas, ele contou uma história e disse que havia acontecido de verdade. Contou que o seu irmão, o nosso tio-avô que se chamava Luís, que nós não chegamos a conhecê-lo, pois ele era o irmão mais velho do vovô e já havia falecido.

Mas, vamos à história do lobisomem...



Segundo o vovô, o tio-avô Luís viu bem de pertinho um lobisomem. Um lobisomem de verdade! Ficamos inquietos e curiosos, pois até aquele dia, todos nós acreditávamos que lobisomem não passava de uma lenda.

— Conta vovô! – nós pedíamos em voz alta.

Estávamos ansiosos para ouvir o desenrolar daquela história. Pois, se demorasse muito, ele iria deixar o final da história para o dia seguinte. E quando o vovô fazia isso, passávamos a noite quase toda imaginando o que iria acontecer, até disputávamos quem seria capaz de descobrir o final da história, ou quem mais se aproximaria do que o vovô iria contar na noite seguinte. Vovó sempre chegava altas horas em nosso quarto e dizia:

— Crianças, hora de dormir, ou será que vão passar a noite inteira conversando e vão perder o dia maravilhoso que amanhecerá logo mais?

Era melhor dormir para cedo aproveitarmos muitas aventuras. Mas, vamos agora à história do lobisomem...

Era noite de lua cheia! E o nosso tio-avô Luís dormia em sua casinha que ficava nas proximidades do açude do Cedro. Lá, ele criava ovelhas e galinhas, e como estava no período do inverno, tinha uma grande plantação de milho no quintal. De repente, ele acordou com um enorme barulho. Os cabritinhos estavam berrando. Tio-avô Luís se levantou apressado, pegou sua espingarda e correu para o quintal. Quando abriu a porta, teve um grande susto. Viu um bicho enorme, preto e peludo.

Segundo o vovô, seu irmão disse que parecia um homem, um cachorro ou um lobo. Ele nunca tinha visto nada parecido. O bicho saiu correndo com um cabritinho na boca

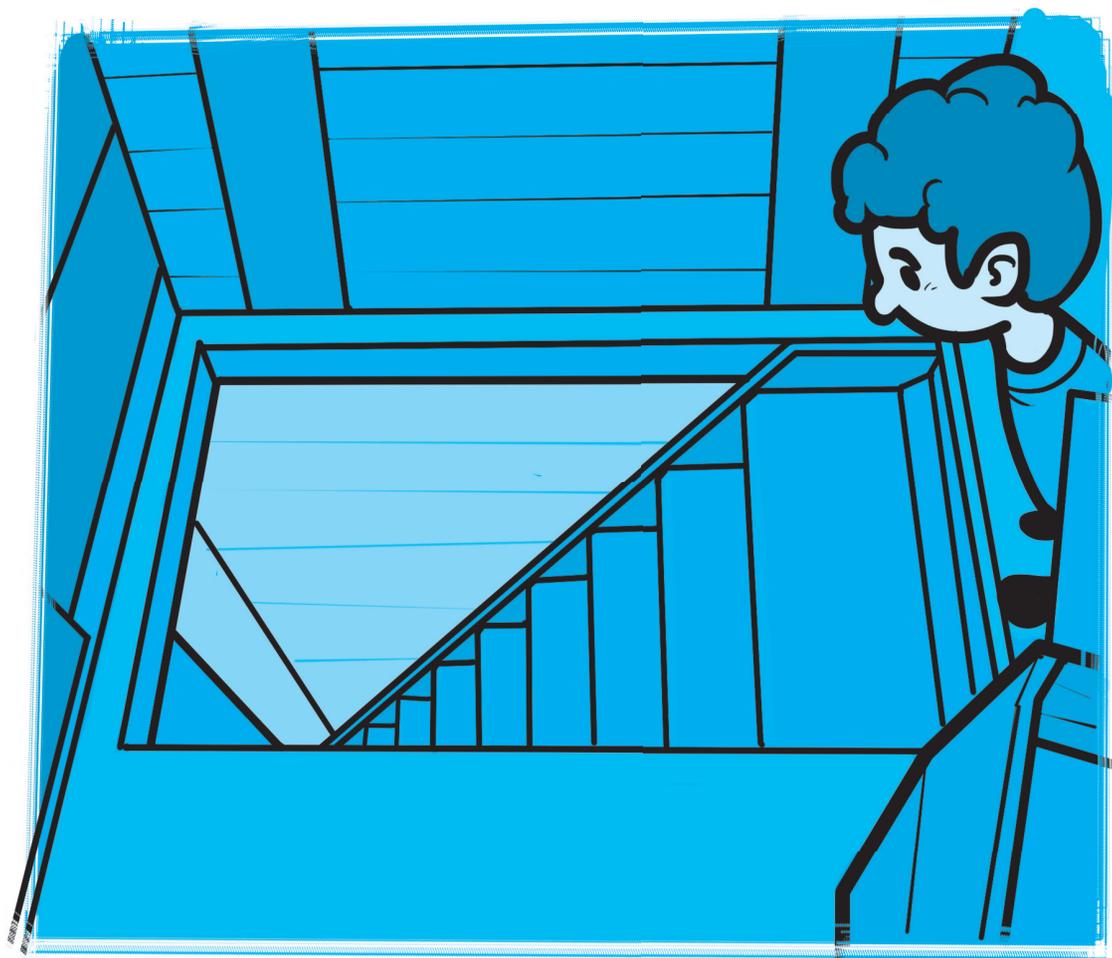
pelo milharal. Tio-avô Luís, correu atrás do bicho, atirou, atirou, mas o bicho era veloz e sumiu na mata. Era um lobisomem!

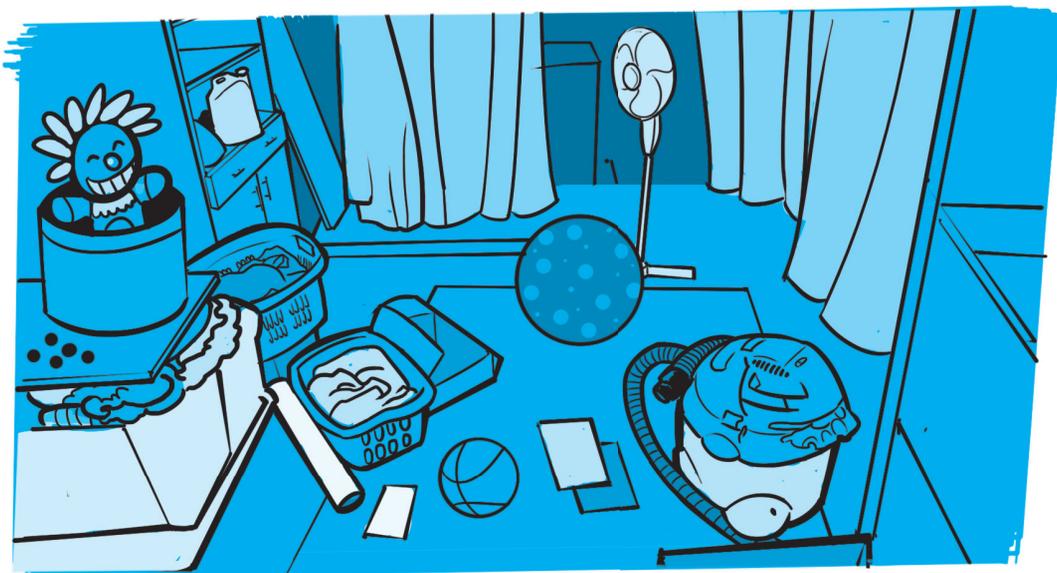
Mas, a história não terminou por aí. Conte esse pedacinho, só para você sentir o gostinho emocionante das histórias que o vovô contava.

Já havia passado três dias no sítio do vovô. No calendário já era dez de julho. Cada dia era melhor do que o outro. Já havíamos feito um montão de coisas e, então, decidimos explorar as redondezas da casa.

Lá nos fundos do quintal, tinha um quartinho. Não era um porão misterioso como aparecem em muitas histórias de terror, mas era um lugar onde a tia Nazaré guardava um montão de coisas. Ah! A tia Nazaré! Eu ainda não havia falado sobre ela. É que ela era professora, vivia rodeada por livros, estudando, planejando aulas, não tinha tempo nem para

se divertir com a gente. De vez em quando, ela ficava com a gente nas horas das refeições ou na hora de ouvir as histórias que o vovô e a vovó contavam. Tia Nazaré nem imaginava que teríamos a curiosidade de ir lá. Naquele quarto, bisbilhotar as coisas dela. Mas, era só para dar uma olhadinha, uma olhadinha mesmo!





Então fomos lá. Cheios de curiosidade! Naquele quartinho tinha muitas coisas: caixas, roupas, calçados, brinquedos, jogos e muitos livros e papéis. Tudo que não se usava mais ia sendo entalhado naquele lugar. E, para quem ia dar só uma olhadinha, não conseguíamos parar por aí. Ficávamos tão curiosos, que decidíamos procurar alguma coisa interessante, abríamos caixas, baús, parecia uma verdadeira caça ao tesouro.

Aquilo começou a ficar interessante. Era cada roupa! Chegávamos a vestir algumas

roupas e a imitar umas pessoas. Cada look era um novo personagem. Foi muito divertido. Depois, começávamos a abrir as caixas, a olhar os livros, as pastas. E, no fundo de uma caixa, parecia estar escondido, encontramos um envelope, lacrado e com o seguinte aviso: NÃO ABRAM! Isso foi engraçado! Aquilo, mais parecia com um convite para abrirmos aquele envelope. A curiosidade foi aumentando a cada segundo. O coração batia acelerado. E Vitória, de um impulso abriu logo o envelope, não deixou nem que decidíssemos quem o abriria.

Era um mapa? Não. Uma trilha? Também não. Nem sei como chamar aquilo. Eram umas orientações. Parece que teriam uns obstáculos para serem enfrentados ou mistérios para serem desvendados, e ao final tinha um tesouro. O tesouro? Não dizia se era ouro ou prata. Mas, que nos levaria a uma longa via-

gem, que atravessaríamos pântanos, selvas, que desvendaríamos mistérios, conheceríamos pessoas novas, culturas e lugares diferentes, e nos tornaríamos muito, muito ricos.

Rafinha logo gritou:

— Será uma passagem de avião?

— Não, não! Acho que para ficarmos ricos, é um baú cheio de ouro e joias – falou Paulinho.



Vitória, em tom de ironia, foi logo dizendo:

— Isso não é nem um tesouro dos piratas para ser um baú cheio de joias.

Enfim, o desafio estava lançado. Iríamos a qualquer custo, procurar aquele tesouro misterioso.

Tia Nazaré jamais poderia imaginar que ficamos ali, uma manhã inteirinha, bisbilhotando as coisas dela. E aquela “carta” dizia assim: *se vocês querem mesmo encontrar o tesouro, terão que cumprir algumas tarefas, para mostrar se são merecedores de possuir o tesouro secreto. E depois, deverão desvendar alguns enigmas que os levarão às pistas para descobrir o local onde o tesouro está guardado.*

Preparem-se! E quero logo adverti-los: *para descobrir se vocês realmente merecem encontrar o tesouro, estarei seguindo todos os seus passos nos próximos dias e observando todas*

as suas atitudes. Cuidado com o que andam fazendo!

— Minha nossa! Chega! Cruuzes! É um fantasma! E ele vai nos seguir. Não quero mais saber disso. Estou com muito medo – falou Paulinho.

— Pare com isso! Deixa de ser medroso! Onde já se viu isso! Um fantasma nos seguindo? Tá ficando maluco, Paulinho!

— Vá, Davi, continue lendo – falou Vitória.

Rafinha ficava só escutando e observando as coisas. Continuei então a leitura.

Para cumprir a primeira tarefa, vocês irão precisar da ajuda do vovô Joaquim. Mas cuidado! Ele não pode saber da existência do tesouro. Vocês precisarão ir até o centro da cidade, por isso devem pedir ao vovô para os levarem a um passeio e, ao retornarem, já encontrarão a segunda tarefa. Podem ir.

Sáímos dali eufóricos e fomos à procura do vovô. Ao encontrá-lo, logo perguntamos quando ele iria à cidade. Vovô disse que iria no dia seguinte fazer umas comprinhas e que poderia nos levar para um passeio. Ficou tudo combinado.

Aquela noite foi longa, quase não conseguimos dormir, conversando e imaginando o que poderíamos encontrar no passeio para a cidade com o vovô.

O dia amanheceu. Acordamos muito cedo. Já era onze de julho. Naquele sítio, todos acordavam com o canto do galo. O dia estava esplendoroso, os raios do sol iluminavam o jardim da vovó Helena e o perfume das flores deixava o ambiente muito agradável.

Logo após o café da manhã, que tinha bolo, torradas, leite e mel, fomos à cidade com o vovô em sua charrete. Um passeio de char-

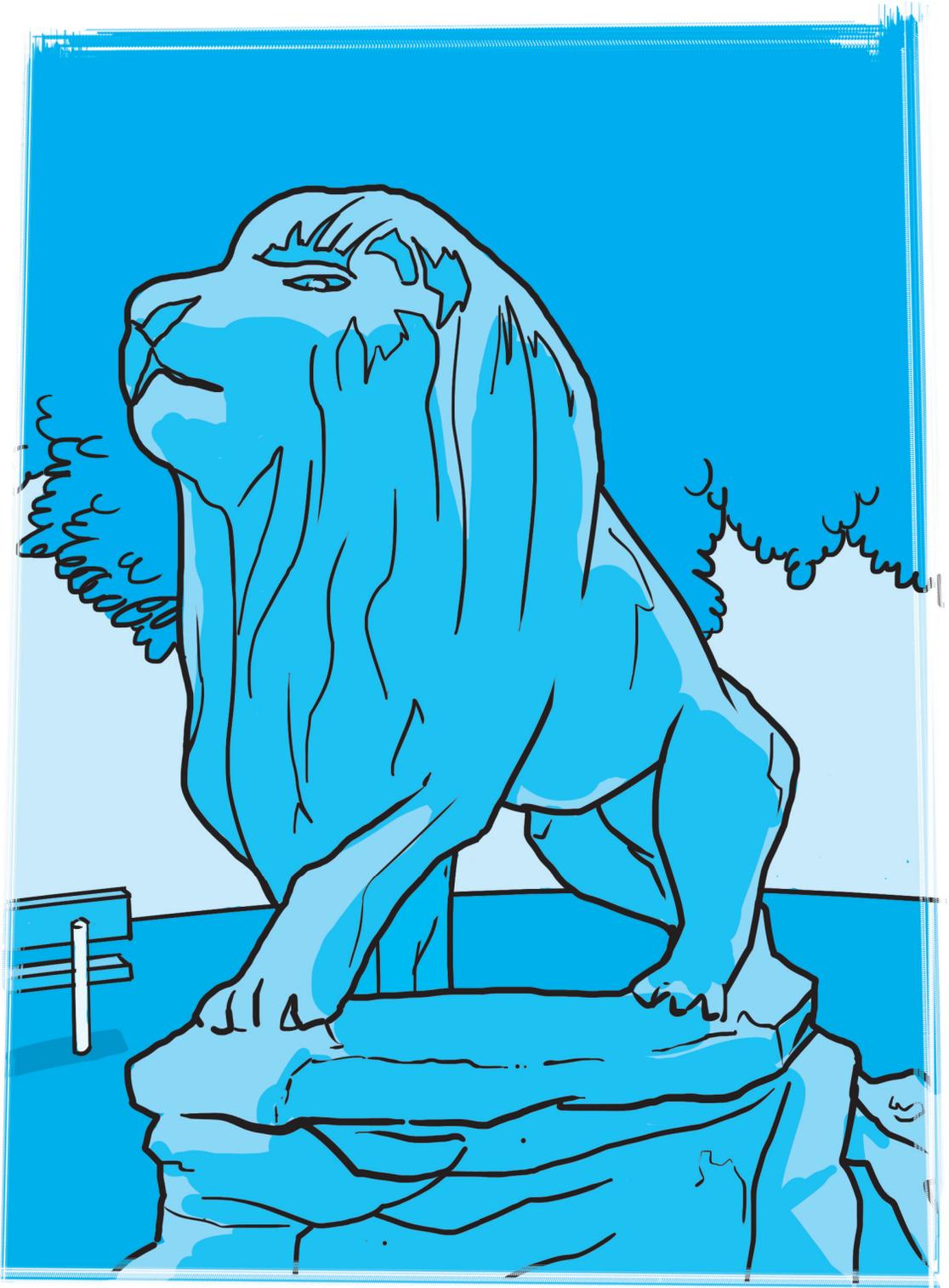
rete, para nós, já era uma grande aventura. A paisagem estava linda! O contato com a natureza, o vento batendo no rosto, tudo era emocionante. Quando de repente, Vitória gritou:

— Pare! Pare vovô! Vocês não estão ouvindo?

— O quê? – perguntou Rafinha.

— Um gatinho miando muito, deve estar em apuros, vamos procurá-lo! – disse ela.

Vovô Joaquim, que amava muito os animais, foi logo parando a charrete. Descemos todos e fomos logo procurar o gatinho. Paulinho logo avistou um gatinho pequenino em cima de uma árvore, e como ele era o mais habilidoso para subir em árvores, foi logo subindo para salvar o animalzinho. Após tirarmos o gatinho de cima da árvore, o colocamos em um lugar seguro e seguimos a viagem.



Ao chegarmos à cidade, vovô perguntou se queríamos ficar um pouco numa praça enquanto ele ia ao banco tirar dinheiro, pois, como ele poderia demorar, para nós seria mais divertido ficar ali naquela praça, apreciando o movimento dos transeuntes. Adoramos a ideia do vovô. Mas, ele logo nos advertiu:

— Não saiam daqui!

Ficamos na Praça José de Barros, conhecida também como a Praça do Leão. Lá, aconteciam grandes festas e eventos, como carnaval, festas juninas e réveillon, etc.

Naquele dia, a praça estava muito movimentada. Muitas pessoas transitando e muitos carros passando ao seu redor. Algumas crianças brincavam, quando, de repente, uma caiu, eu corri logo para ajudar. Que susto! Mas o garotinho não se machucou muito. Foi um alívio! Enquanto isso, Vitória ajudou uma velhinha a atravessar a rua.

Logo vovô chegou e fomos com ele para o supermercado. Não existia coisa melhor do que ir às compras com o vovô. Ele comprava tudo o que nós queríamos: bombons, chocolates, doces, biscoitos e refrigerantes. Que maravilha! Ou seja, tudo aquilo que mamãe vivia reclamando e dizendo:

— Comer isso faz mal para a saúde.

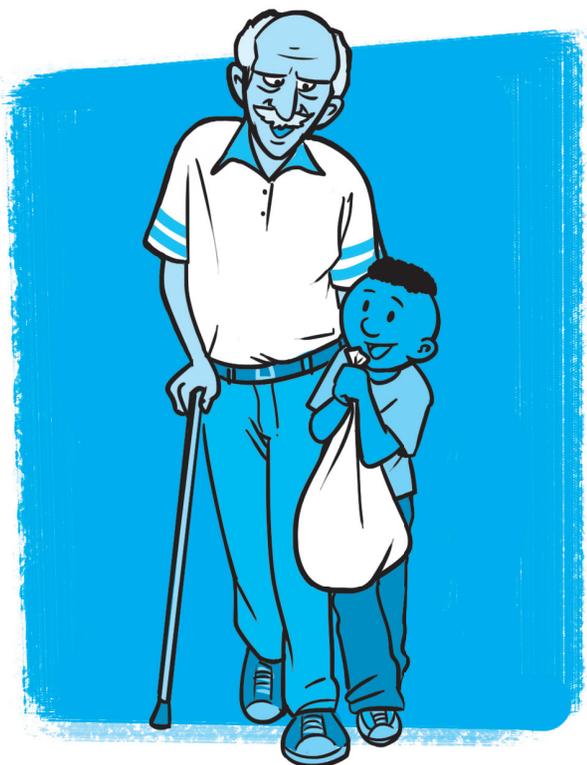
No supermercado, ao terminar as compras, quando já estávamos indo para a charrete, avistamos um senhor bem velhinho, carregando várias sacolas, e logo Rafinha perguntou ao vovô Joaquim se poderia ir ajudá-lo a levar as sacolas até o carro dele. Vovô autorizou e ficamos aguardando ele voltar para retornarmos para casa.

Voltamos para casa. No caminho, conversamos sobre tudo o que aconteceu lá na praça. E o vovô ficava só escutando. O sol já

estava quente e já se aproximava o horário do almoço. E como seria bom saborear as delícias que vovó preparava! Ao chegarmos, ela deu logo as ordens:

— Todos para o banho e voltem logo para o almoço.

Após o almoço, fomos para o alpendre, nos balançamos nas redes e conversamos um pouco. Paulinho logo perguntou:





— O que vocês acharam do passeio? Não entendi nada! Em que esse passeio pode influenciar na caça ao tesouro?

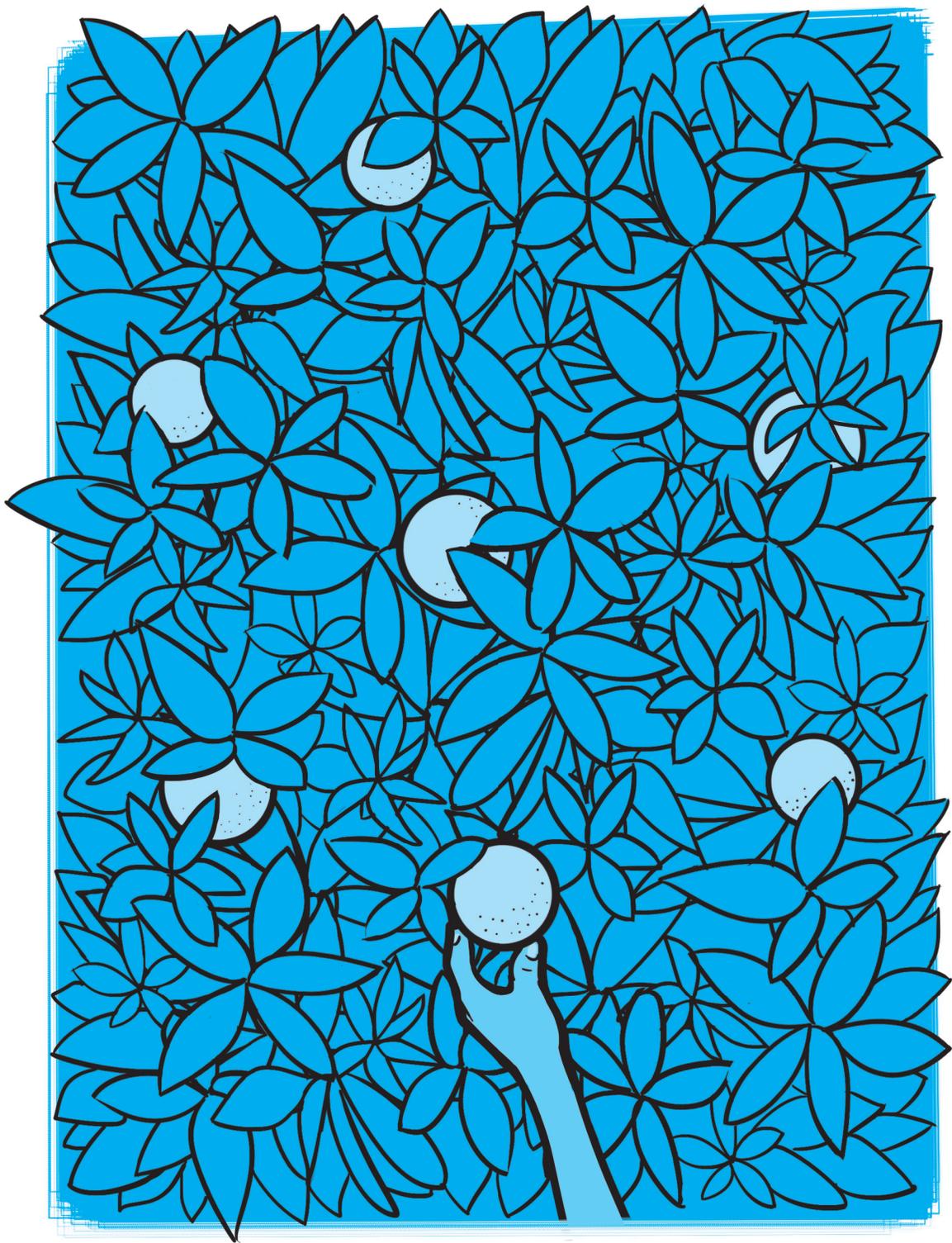
E Vitória logo respondeu:

— Sei lá! Não vi nada de especial. Temos que encontrar a segunda tarefa, onde ela estará?



E decidimos ir jogar bola no campinho que o vovô Joaquim havia preparado para nós. Era um enorme terreno que ele mandava limpar todos os anos, para filhos, sobrinhos e netos brincarem nas férias, feriados ou finais de semana quando vinham para o sítio. O vovô Joaquim. Ah! Não precisa nem dizer. Era o melhor avô do mundo. Ele pensava em cada detalhe para nos agradar.

No final da tarde, voltamos para casa, tomamos banho, jantamos, ouvimos as histórias e fomos para a cama. Ao levantar o seu travesseiro, Paulinho encontrou um envelope onde estava escrito: Segunda tarefa! E dentro do envelope, uma carta com a seguinte mensagem: *Parabéns! Vocês mostraram que são pessoas generosas e de bom coração. Continuem assim! A próxima tarefa é colher frutas no pomar. Boa sorte!*





No dia seguinte, o calendário já marcava o dia doze de julho. No sítio do vovô, os dias passavam muito rápido. Era maravilhoso aquele lugar, correr pela relva, apreciar o canto dos pássaros e o colorido das flores e das borboletas.

Após o delicioso café da manhã, pedimos à vovó para colher as frutas e ela nos deu algumas cestas. Então colhemos mangas, bananas, goiabas e laranjas, entregamos tudo para a vovó e ela disse que ficou muito feliz com a ajudinha. Mal sabia ela que estávamos secretamente cumprindo uma tarefa.

Depois fomos para o açude tomar banho, aproveitamos para levar o Ralf. O Ralf? Era o cachorro do vovô Joaquim, ele adorava tomar banho no açude, ele nadava muito e nós adorávamos brincar de arremesso com o Ralf. E como sempre, era eu quem conseguia arre-

messar os objetos mais distantes para o Ralf ir pegar. Brincamos também de bola, de guerra com água, de quem conseguia nadar mais tempo, foi muito divertido.

No final da tarde, estávamos eu, o Paulinho e a Vitória, quando de repente, lá vem o Rafinha correndo e gritando:

— Achei! Achei!

— O quê? O quê? – perguntamos curiosos.

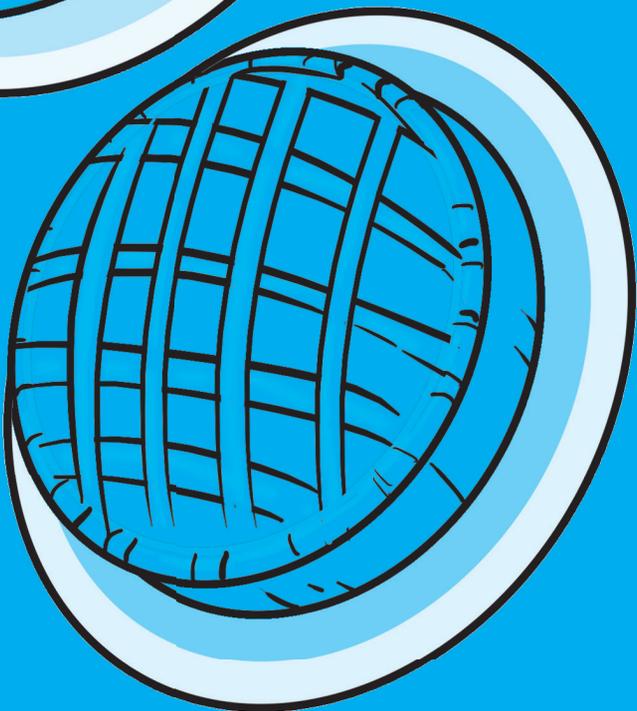
— A terceira tarefa! Estava dentro do armário do banheiro – disse ele.

— Vamos para o nosso quarto! Ninguém pode nos ver lendo isso - falou Vitória.

Fomos para o quarto apressados. Paulinho pediu para ler, abriu o envelope e foi logo começando. A mensagem dizia assim:

Vocês estão indo muito bem! Parabéns! Vou agora apresentar para vocês as próximas regras do jogo: ainda faltam duas tarefas para vocês realizarem. Logo após receberão alguns enigmas para desvendar. Ao desvendarem os enigmas, encontrarão as pistas para encontrar o local do tesouro. A tarefa agora será trazer água do açude para encher o bebedouro dos animais. Boa sorte!

Ficamos ansiosos para o despertar de um novo dia. E aproveitamos para decidir qual seria a nossa próxima diversão. Após cumprir a nossa tarefa, iríamos passear a cavalo. Eram fantásticos os passeios a cavalo no sítio do vovô, ele tinha dois cavalos lindos, íamos dois em cada cavalo, andávamos por toda a redondeza, era maravilhoso.



O dia amanheceu! Já era 13 de julho. Vovó havia preparado uma torta de maçã e um bolo de milho saboroso para o café da manhã.

Após o café, pedimos ao vovô para enchermos o bebedouro dos animais. Vovó Helena logo se manifestou:

— Crianças, o que houve com vocês! Nas férias passadas, vocês mal se acordavam e já queriam ir para o açude, jogar bola, brincar, e agora estão sempre dispostos a dar uma mãozinha. Ontem colheram as frutas, hoje querem encher o bebedouro dos animais. Minha nossa! Que crianças adoráveis e generosas! Só podiam ser meus netinhos e minha netinha!

Ao terminarmos de encher o bebedouro dos animais. E fomos pedir ao vovô Joaquim para passearmos a cavalo. Logo o vovô chamou o seu André para nos acompanhar. O seu André era um senhor que cuidava dos animais,

ele era meio ranzinza e resmungão, mas ia conosco passear sempre que o vovô pedia. Foi um passeio divertido, paramos um pouco no açude para os cavalos beberem água, cavalgamos por toda a redondeza e voltamos na hora do almoço. Vovô tinha ido para o centro da cidade e trouxe um filme e um pacote de milho para fazer pipocas. Vovó, toda animada falou:

— Crianças! Hoje tem sessão de cinema com pipocas. Seu avô trouxe um filme para vocês assistirem e vou, daqui, a pouco preparar as pipocas e fazer um suco de frutas fresquinho.

Adorávamos assistir filme na casa da vovó. Ela fazia pipocas, fazia sucos, era uma festa. O filme que vovô trouxe foi “O Cangaceiro Trapalhão”, aquele filme em que a galinha choca, aquela pedra gigante, no formato de uma galinha, botava ovos de ouro. Era uma comédia, muito divertida. Foi uma das melhores tardes

daquelas férias. Foi tão divertido, que naquela tarde nem lembramos do tesouro.

Naquele mesmo dia, vovô contou uma história de arrepiar. Nessa noite, fomos dormir com muito medo. Cada um que se enrolava mais em seus lençóis. A caça ao tesouro, só lembramos no dia seguinte.

O dia amanheceu! O galo cantou! O calendário já marcava o dia quatorze de julho. E a quarta tarefa, já estava ali, debaixo da porta, um envelope. Peguei-o, abri, tirei o papel e li para todos:

— Bom dia! Vocês estão indo muito bem! Cumprindo direitinho todas as tarefas. Que tal acompanhar a vovó em suas visitas de caridade?

Vitória se encarregou de conversar com a vovó Helena sobre isso. Perguntou à vovó se poderiam acompanhá-la em uma de suas atividades no decorrer daquele dia.

— Mas crianças! – disse ela – costumo aos sábados, quinzenalmente, visitar um abrigo de idosos. Vocês querem mesmo ir comigo? Acho que essa não será uma atividade atrativa para vocês.

Rafinha logo perguntou:

— E o que a senhora faz lá, vovó?

— Meu querido netinho, levo algumas frutas e verduras que aqui temos em abundância. É preciso partilhar o que temos. Quando fazemos o bem para as pessoas, com certeza, recebemos tudo em dobro. Deus quer isso, meu filho! Que sejamos generosos com o nosso próximo.

— Tudo bem vovó. Vamos com a senhora. Onde estão as frutas e as verduras? Hoje iremos ajudá-la – disse Rafinha.

E fomos de charrete com a vovó. Foi uma manhã diferente de todas as outras vividas naquelas férias.

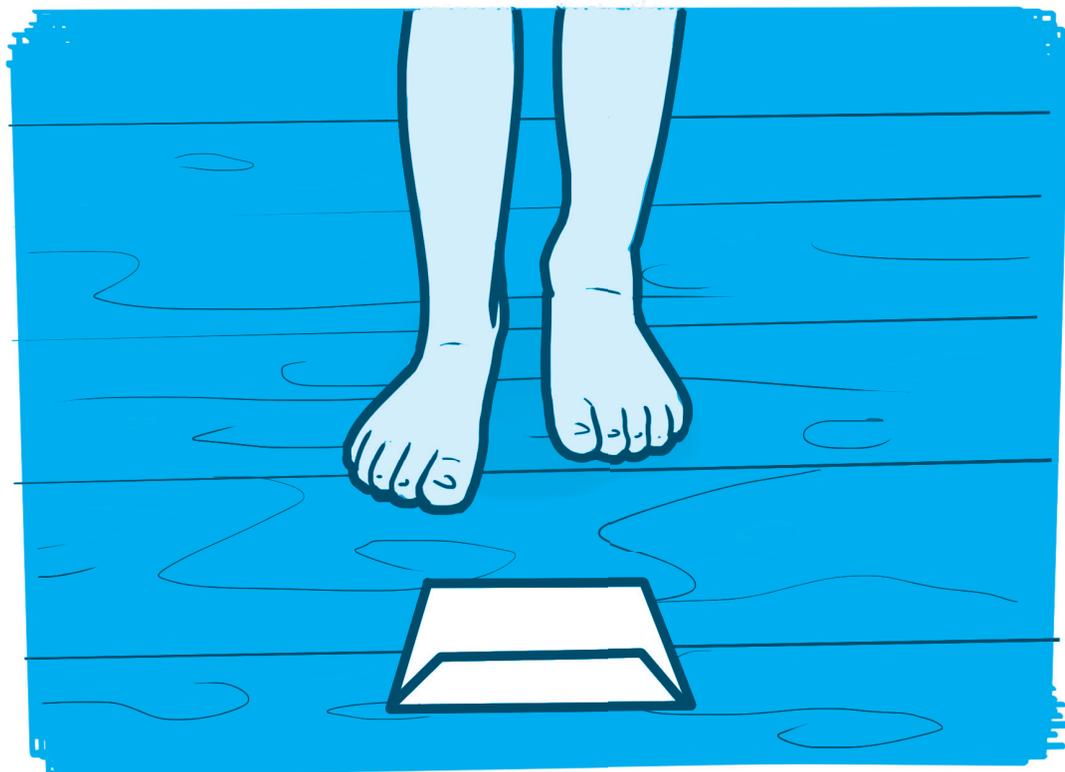
Ao chegarmos ao abrigo, fomos recebidos com sorrisos e muita atenção. As velhinhas e os velhinhos ficaram muito felizes com a nossa visita. Queriam saber como nos chamávamos, onde morávamos e por que estávamos ali. Dissemos que havíamos ido para acompanhar a vovó. Eles ficaram bem felizes e pediram que voltássemos outras vezes. Vovó ficou muito orgulhosa e nos disse que não poderia ter netos mais adoráveis.

Ao chegarmos do passeio, fomos com o Ralf, o cachorrinho do vovô, tomar banho no açude. Foi muito divertido, brincamos de montão e voltamos a tempo para o almoço. À tarde, decidimos ir até a casinha da árvore. Ainda não tínhamos ido à casinha da árvore

nessas férias. É que ela ficava um pouco distante da casa do vovô. Ele disse que precisava de uma árvore bem grande e forte, para construir uma casinha que fosse bem segura para nós e, por isso, não havia encontrado nenhuma árvore que fosse adequada nos arredores da casa. Precisávamos levar materiais para limpar a casinha, pois, como a casinha estava fechada há muito tempo, deveria estar muito suja. Pedimos os materiais para a vovó e fomos para a casinha na árvore, cantando pelo caminho:

— Eu vou, eu vou, pra casinha agora eu vou. Trala lá tim bum, trala lá timbum... Eu vou, eu vou, pra casinha agora eu vou. Trala lá tim bum, trala lá tim bum...

E quando chegamos à casinha da árvore! Para nossa surpresa, a casinha estava limpinha. E no meio da casa, adivinhe só, um envelope com a quinta tarefa.



Antes de abrir o envelope. Paulinho começou a questionar:

— Quem será que escreve essas cartas?
Será o vovô Joaquim?

— Acho que não! – disse Vitória – ele passa o dia inteiro pra lá e pra cá, cuidando das plantas, dos bichos. Como estaria escrevendo cartas?

— Não! Deve ser a tia Nazaré – Rafinha continuou - ela está sempre lendo, escrevendo, estudando. Vai para a escola, diz que tem reunião, planejamento. Não sei não viu. Acho que é ela.

—E você Davi? – perguntou Vitória.

— Eu? Eu penso que é a vovó.

— A vovó? – todos se espantaram.

— E por que não poderia ser ela? – eu falei – penso que a vovó está querendo nos ensinar a nos tornarmos pessoas melhores. Vocês não concordam?

— Esse negócio está ficando cada vez mais complicado de desvendar. Vá Paulinho, leia logo isso de uma vez – falou Vitória.

E Paulinho começou a ler.

Parabéns! Parabéns! Vocês têm provado

cada vez mais, que realmente merecem encontrar o tesouro secreto. Essa será a última tarefa. É uma tarefa muito importante, pois um legado irá deixar para as próximas gerações. Uma árvore irão plantar.

— Que legal! Plantar uma árvore! Isso é muito interessante! Eu sempre quis plantar uma — falou Vitória.

Paulinho deu uma sugestão:

— Vamos conversar com o vovô. Aí a gente pergunta que árvore podemos plantar e qual o melhor local. Enfim, tudo o que for necessário para cumprirmos essa tarefa.

— É a última, não é mesmo? – perguntou Rafinha.

— Sim, é a última. E depois vamos receber os enigmas para desvendar. Está ficando emocionante – disse Vitória.



Fomos logo procurar o vovô Joaquim. Ele estava cuidando dos cavalos. E como eram lindos! Vovô amava cada animal, cada planta, cada pedacinho daquele lugar, vivia ali muito feliz. E Paulinho começou:

— Vovô! Vovô! Queremos plantar uma árvore!

Vovô foi logo dizendo:

— Uma árvore! Que maravilha! Vocês sabiam que plantar uma árvore é um ato de amor! Amor pela vida, pela natureza, pelo meio ambiente e até melhora a qualidade do ar. É uma ideia fabulosa. Vocês já decidiram que tipo de árvore querem plantar?

E Vitória respondeu:

— Ainda não, vovô. Mas precisa crescer bastante, ficar enorme e fazer muita sombra,

para embaixo podermos brincar. O senhor pode nos ajudar na escolha, vovô?

— Claro que sim, minha querida.

E logo começou a explicar, falou do jua-zeiro que dá sombra o ano inteiro. Em seguida, começou a falar sobre as mangueiras. Elas ficam enormes, e além da sombra, têm os frutos que são deliciosos. Vovô falou sobre vários tipos de mangas: da manga rosa, da manga jasmim, da manga coco e da manga itamaracá.

Decidimos então, plantar uma mangueira, mas onde seria o melhor lugar? Vovô sugeriu que fosse perto do açude, onde água não iria faltar. E logo foi dizendo:

— Vocês estão com sorte, pois acabo de lembrar. Está havendo uma grande campanha na cidade em prol da arborização. Estão até distribuindo mudas de plantas de várias espécies, desde as frutíferas até as de ornamentar.

E agora, dá até para imaginar... Fomos todos para a cidade, de charrete é claro. Foi muito divertido. Vovô teve que preencher lá uns papéis e logo recebeu uma mudinha de mangueira. Estávamos muito empolgados e imaginando a plantinha crescendo. E um dia, poderíamos estar ali, debaixo daquela mangueira, para muitas histórias contar. Voltamos para casa, ansiosos para plantar aquela mangueirinha, mas vovô disse que era melhor deixarmos para plantar no outro dia bem cedinho, pois o sol e a terra estavam muito quentes e poderiam prejudicar a plantinha.

À noite, no lugar das histórias de mistério e assombração. Vovô e vovó decidiram contar a história de cada árvore que havia ali no sítio. Algumas foram plantadas após o nascimento de cada filho, outras em batizados, casamentos e formaturas. Ficamos

muito surpresos em saber que cada árvore tinha uma história para ser contada.

Fomos dormir muito empolgados, pois a nossa árvore também teria uma história muito bonita e cheia de encanto e imaginação. Decidimos dar um nome para a nossa árvore. Foi muito engraçado! Cada sugestão uma risada: isso é nome de bicho; isso é nome de fada; isso é nome de gente. E depois de muitas gargalhadas, chegamos a um consenso:





— A nossa árvore se chamará Lolita! Isso sim é nome de árvore! “Lolita, a mangueira encantada”, acho que depois uma bela história será contada.

Vovó bateu na porta do quarto:

— Crianças! Hora de dormir.

— Vamos dormir sim, vovó – logo respondemos.

Fomos dormir ansiosos para o dia amanhecer e irmos plantar a “Lolita” em um belo lugar.



O dia amanheceu! Naquele dia, o calendário já marcava quinze de julho, um dia muito especial. O dia em que plantaríamos a nossa arvorezinha. Estávamos muito empolgados. Após o café da manhã, vovô nos levou para indicar o melhor local para Lolita morar. E foi em um local bem bonito que resolvemos plantar Lolita. Vovô disse que não precisávamos nos preocupar, quando terminasse as férias, ele iria de Lolita cuidar.

Voltamos para casa. Já estava quase na hora do almoço. A comida da vovó era sempre uma delícia. Naquele dia, decidimos ficar em casa, na expectativa de encontrarmos os enigmas sobre o tesouro para desvendar. Ficamos no alpendre. Lá, sempre tinha umas redes para quem quisesse se balançar. Vovó trouxe o seu radiozinho para a gente escutar.

Naquele dia, tínhamos cumprido a última tarefa e estávamos ansiosos para encontrar os enigmas para podermos chegar ao tesouro. À noite, vovó fez pipocas e trouxe para o alpendre. Era uma noite linda! A lua estava radiante e o céu estrelado. Vovô disse que era a nossa vez de contar histórias e que ninguém poderia escapar. Cada um decidiu contar uma de suas travessuras ocorridas na escola, em casa ou na rua.

Eu aproveitei para contar logo os desastres de quando eu estava aprendendo a andar de bicicleta. Cada tombo! Teve um dia que levei uma queda tão grande, que fiquei embaixo da bicicleta. Passou um cara e disse assim:

— Ei mano. Pra aprender a andar de *bike*, a primeira coisa a fazer é você ficar em cima dela e não a *bike* em cima de você.

Aquilo foi horrível. Até hoje o povo lembra e zoa comigo. E essa, não foi a pior. Teve um dia em que eu levei uma carreira de um cachorro. Saí tão desesperado, barroei numa pipoqueira, foi pipoca e bombom para todos os lados. Além de um carão, ainda fiquei todo arreventado. Dessa história todo mundo riu, até a tia Nazaré, que pouco se envolvia em nossas histórias.

A noite passou rápido. Era cada história. Cada traquinagem. Dessas que a gente só conta depois de muito tempo que passou. Foi tão divertido que, por alguns momentos, até esquecemo-nos do tesouro tão esperado. Depois que o último contou a sua história, vovó já anunciou:

— Hora de ir pra cama. Já é muito tarde.

E fomos para o nosso quarto. No entanto, não sabíamos a surpresa que nos aguardava.

Ao entrarmos no quarto, lá estava. Em cima da penteadeira, uma caixinha dourada. Todos queriam abrir a caixa. Estávamos ansiosos. O coração batia forte. Tivemos que fazer um sorteio. Rafinha foi o felizardo e foi abrir a caixinha todo emocionado. Dentro daquela caixinha existiam dez pergaminhos amarrados com uma fitinha dourada. Eram os enigmas que nos levariam ao local do tesouro. O melhor seria deixarmos para ler no dia seguinte. Mas quem iria aguentar? Decidimos começar a leitura dos enigmas ali mesmo. Sentamos no chão em forma de círculo, colocamos a caixa no centro e começamos a diversão. Os pergaminhos estavam todos numerados. Tinha todo um ritual: o laço deveria ser desfeito com todo o cuidado, o enigma seria lido e depois novamente amarrado.

E assim, todos preparados para começar a leitura dos enigmas, mas ocorreu um pro-

bleminha. Todos queriam ser o primeiro a ler. E para evitar a confusão, decidimos que a leitura seria feita de acordo com a letra inicial do nome de cada um, portanto, na sequência: Davi, Paulinho, Rafinha e Vitória.

Eu procurei o enigma de número um e comecei a ler. No pergaminho, estava escrito assim:

1- Para merecer esse tesouro, não precisa ser doutor. Basta ser bem generoso e tratar todos com amor.

Vitória que não conseguia ficar calada foi logo dizendo:

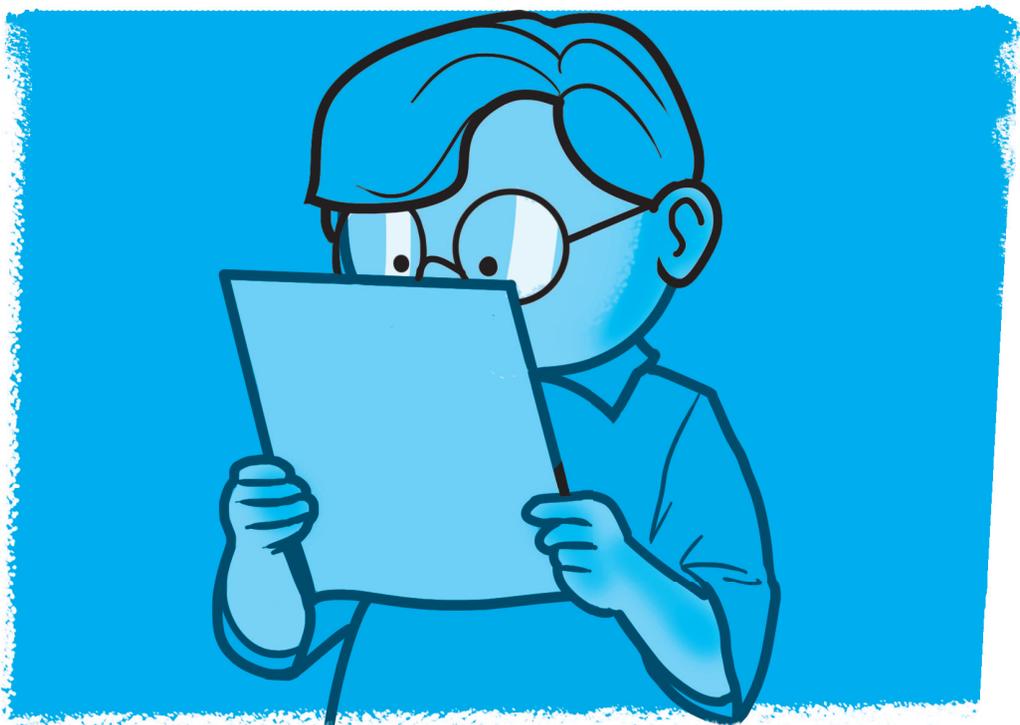
— Esse foi muito fácil de decifrar. Já entendi.

— Fala logo Vitória – disse Paulinho.

— Pensem junto comigo: lembram da primeira tarefa? Paulinho salvou um gatinho;

eu ajudei uma velhinha a atravessar a rua; o Davi ajudou a levantar uma criança que caiu e o Rafinha ajudou um senhor a levar as sacolas para o carro. Vamos agora para a segunda tarefa: colhemos as frutas para ajudar a vovó. A terceira tarefa: fomos ao açude pegar água para encher o bebedouro dos animais, ajudando assim o vovô. A quarta tarefa: fomos com a vovó visitar um abrigo de idosos. E a quinta: plantamos uma árvore. Vocês não acham que todas essas são atitudes de pessoas generosas?





— Sim, Vitória! – todos concordamos.

O próximo a ler seria o Paulinho. Ele pegou o pergaminho, foi logo abrindo e começou a ler:

2 - O tesouro não está, nem na terra nem no mar, pois o sol ou a chuva poderiam desgastar.

Começamos a imaginar e cada um foi dando a sua opinião: numa igreja; em um po-

rão; numa casa; em uma mansão; no quartinho da tia Nazaré... Foram muitas as opiniões. Mas esse enigma estava difícil de desvendar.

Partimos para o terceiro enigma. Rafinha pegou o pergaminho e começou a ler:

3 - O tesouro se encontra em um belo e antigo lar. Organizem suas ideias e comecem a procurar.

— É numa casa! – disse Paulinho.

— Está bem parecido – concordou Vitória.

Continuamos a leitura. Vitória começou a ler o quarto enigma:

4 - Numa caixa não está, numa mala também não. Onde estão os tesouros na sua imaginação?

— Só pode ser em um baú! – disse Rafinha e Paulinho também concordou.

Vamos continuar. Era a minha vez de ler novamente. Peguei o quinto pergaminho e comecei a ler:

5 - Sim, o tesouro está em um baú. Um baú encantado, que só será encontrado em um dia a ser comemorado.

— Essa foi demais! Confirmou a nossa hipótese de que seria em um baú. Mas, que dia será esse? Que difícil! – falou Vitória.

Paulinho foi logo pegando o sexto enigma para ler. A mensagem dizia assim:

6 - O tesouro está guardado em um lugar bem seguro, no entanto esse lugar, não tem grades nem tem muro.

Esse enigma também não nos deu nenhuma pista.

Era a vez de Rafinha ler. Ele pegou o sétimo enigma, onde estava escrito assim:

7 - Onde o tesouro se encontra, não tem ouro e não tem prata. Mas está bem escondido no meio de uma mata.

— No meio de uma mata? Deve estar enterrado – disse Rafinha.

— Enterrado não. Lembram o que dizia o segundo enigma: ...nem na terra nem no mar... E o terceiro enigma? O tesouro se encontra em um belo e antigo lar – falou Paulinho.

Vamos continuar. Agora era a vez de Vitória, que logo foi pegando o oitavo enigma para ler. E leu para todos:

8 - Para chegar ao local do tesouro, com uma ajudinha irão contar. Precisarão de um guia, para ao local os levar.

E Vitória continuou:

— Deve ser um local perigoso, ou muito difícil de encontrar.

Era a minha vez de ler novamente. Peguei o nono enigma, que dizia assim:

9 - Para descobrir este lugar, muito atentos devem estar, e ouvir com atenção a história que o vovô irá contar.

Ouvir com atenção as histórias que o vovô contava, não era para nós nenhum sacrifício. Mas que coisa inusitada! Nas histórias do vovô teriam pistas sobre o local do tesouro?

Faltava agora o último enigma, que seria lido pelo Paulinho. Ele logo pegou o pergaminho e leu:

10 - O desafio foi lançado! Os enigmas foram todos apresentados. Enumerem todas as pistas que os levarão ao tesouro encantado. Boa Sorte!



Vitória se encarregou de elaborar uma lista contendo as pistas:

1ª pista: o tesouro não está nem na terra nem no mar;

2ª pista: o tesouro se encontra em um belo e antigo lar;

3ª pista: o tesouro está em um baú encantado, que só será encontrado em um dia a ser comemorado;

4ª pista: onde está o tesouro, não tem grades nem tem muro;

5ª pista: o tesouro está escondido no meio de uma mata;

6ª pista: precisaremos de um guia para nos levar ao local do tesouro;

7ª pista: para descobrir este lugar, devemos ouvir com atenção a história que o vovô irá contar.

Pronto! Agora já tínhamos as pistas. Passamos quase a noite inteira lendo e tentando desvendar aqueles enigmas. Vovó Helena, naquela noite, não havia ido ao nosso quarto nos mandar dormir. Que estranho!

O dia já estava quase amanhecendo. Já era dezesseis de julho. Fomos dormir. E como era de se esperar, não conseguimos acordar cedo. E vovó logo exclamou:

— Devem ter passado a noite inteira conversando? Hein, crianças!

Ficamos em casa naquele dia, o que não era nada comum. Estávamos muitos ansiosos para ouvir as histórias do vovô. E também um pouco cansados, depois de uma noite em claro.

A noite demorou a chegar, de tão grande que era a nossa ansiedade. E quanto mais as horas se passavam, mais as expectativas aumentavam e o coração acelerava.

Vovó fez sopa de legumes para o jantar. Essa não era uma de nossas comidas favoritas, mas tinha um sabor muito especial. Depois do jantar, hora de ouvir as histórias. Fomos todos para o alpendre...

E a tão esperada história começou. Vovô disse que agora iria contar histórias sobre a família. Já tínhamos ouvido falar sobre o tio-avô Luís. Aquele da história do lobisomem. Mas, sobre o restante dos familiares, ele aqui e acolá falava alguma coisinha apenas.

E então ele começou a contar: o meu pai se chamava Zacarias e a minha mãe se chamava Amélia. Naquela família, nada faltava, tinha fartura de tudo, de amor, de alegria, de comilanças, de trabalho... E de tudo aquilo de bom que vocês possam imaginar.

Eles moravam em uma fazenda, muito grande e encantada, tinha açude e tinha rio



e muitas árvores plantadas. A casa era enorme, ficava muito longe da cidade, lugar muito tranquilo, onde se ouvia sempre o canto da passarada. Lá, se podia viver sossegado, se quisesse, podia até dormir de portas abertas, porque de ladrão nunca se ouvira falar. Era mesmo maravilhoso! E como é bom recordar!

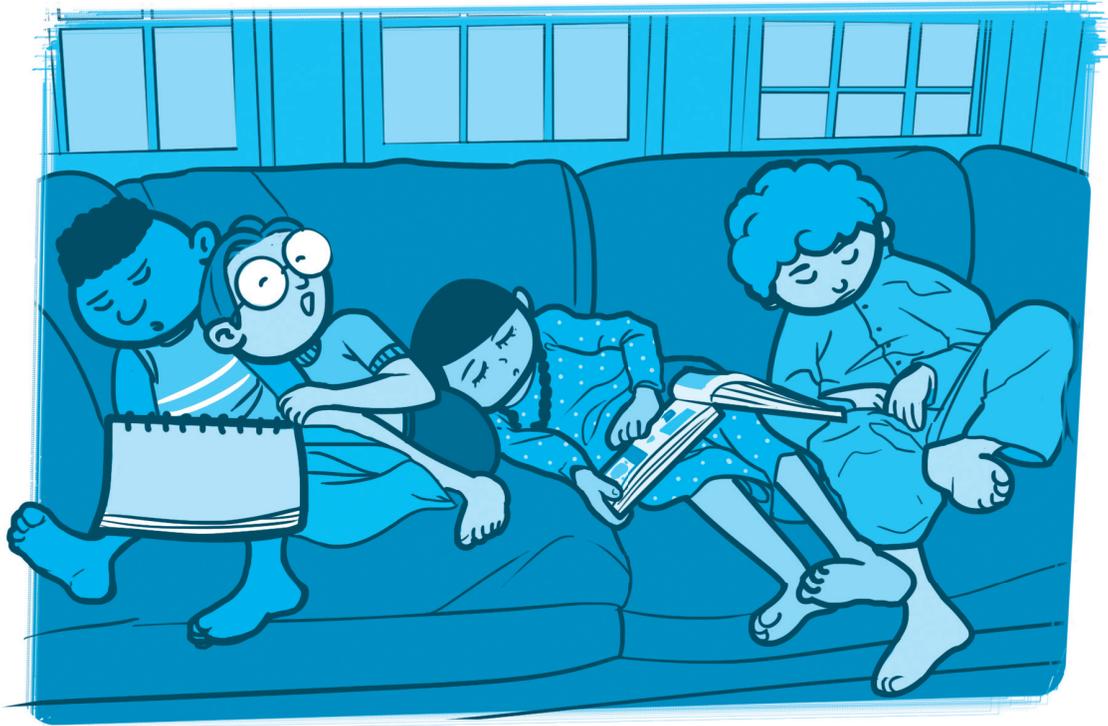
Papai fazia muitas festas, convidava todo mundo. Eram filhos, netos, tios, primos, comadres, comadres, genros, noras, amigos, era muita animação... Todos os meses tinha festa, se não fosse o dia dos pais, das mães, natal, festas juninas, réveillon, eram os aniversários, casamentos... Não faltava o que celebrar!

Estávamos muito atentos a cada detalhe que vovô contava. Íamos interpretando de uma por uma, cada pista dada. Vovô contou muitos fatos ocorridos na fazenda de nosso bisavô. Dava agora para entender porque vovô

Joaquim era tão feliz ali naquele sítio. Deve ser uma tradição da família, gostar de lugares tranquilos, cuidar da terra, das plantas e dos animais. Além de serem tão hospitaleiros e receber visitas no decorrer do ano inteiro.

Já estava muito tarde. Naquela noite, vovô quase não parava de contar as suas lembranças. Fomos para o nosso quarto. Estávamos ansiosos para conversar sobre a história que vovô contou. Não tínhamos mais dúvida alguma. O tesouro estava na casa de nosso bisavô Zacarias. O local exato teríamos que procurar, mas, com certeza, estava lá.

Juntamos as pistas... nem na terra nem no mar; ...em um belo e antigo lar; ...em um baú encantado; ...será encontrado em um dia a ser comemorado; ...não tem grades nem tem muro; ...está no meio de uma mata; ...precisaremos de um guia para chegar lá.



Sim! Era lá mesmo! Numa casa bem distante da cidade, portanto, no meio de uma mata; Em um belo e antigo lar, pois um lar é um local onde as pessoas viviam felizes; Lugar tranquilo, por isso, não tem grades nem tem muro. Agora só faltava saber o dia certo e quem seria o guia que nos levaria ao local do tesouro. Ao chegarmos lá, era só procurar. Fomos dormir muito felizes, estava bem próximo de encontrarmos o tesouro.



O novo dia logo surgiu. Já era dezessete de julho. Combinamos que depois do café da manhã, iríamos conversar com a vovó e fazer algumas perguntas sobre a casa de nosso bisavô Zacarias.

É que o vovô ia para a cidade comprar ração para os animais. E além do mais, vovó saberia responder a todas as nossas perguntas.

— Vovó! Poderíamos conversar com a senhora? – Vitória foi logo perguntando.

— Sim, meus queridos. Vamos para a cozinha, enquanto vou arrumando as coisas e preparando o almoço, podemos conversar – disse ela.

Havíamos combinado, previamente, as perguntas que iríamos fazer. Cada um faria uma pergunta, para tentarmos descobrir como poderíamos chegar até a casa do nosso bisavô Zacarias.

Ao chegarmos à cozinha, vovó foi logo perguntando:

— Digam crianças, o que querem saber?

E eu logo perguntei:

— Vovó, onde fica a casa do nosso bisavô?

— Fica um pouco longe daqui, depois da cachoeira. É um local bem isolado. Seu bisavô gostava de lugares tranquilos, por isso viveu lá a vida inteira. E foi logo advertindo:

— Não pensem em ir lá sozinhos. Pode ser muito perigoso.

Era a vez de Paulinho perguntar:

— Vovó, mora alguém nessa casa?

— Não. Na casa não. Mas bem próximo mora o Sr. Francisco e dona Lúcia, porque depois que seu bisavô e sua bisavó faleceram, a família decidiu contratar esse casal para cui-

dar da propriedade. Eles são muito cuidadosos. Quando vamos até lá, tudo está sempre em ordem. A casa limpa, as plantas e as flores bem cuidadas. São pessoas de bom coração. Passaram a fazer parte da família.

— Vovó, gostaríamos muito de ir até lá
— disse Rafinha.



— No dia vinte de julho é o aniversário de dona Lúcia. Posso fazer um bolo, e podemos combinar com o seu avô, para ir lá deixá-lo. O que vocês acham? – falou vovó.

Nesse momento, fizemos um silêncio., pois estávamos lembrando do enigma que dizia que o tesouro só seria encontrado em um dia a ser comemorado. Era o dia do aniversário de dona Lúcia.

— Crianças, o que vocês acham? – vovó perguntou outra vez.

— Muito bom, vovó! – todos respondemos.

— A senhora poderá ir conosco? – perguntou Vitória.

— Minha querida, é uma viagem muito cansativa. Vou combinar com o seu avô. Mas, se eu ou ele não pudermos ir, o Sr. André poderá ir com vocês na charrete do Joaquim.

— Que maravilha! Obrigada, vovó! A senhora é a melhor avó do mundo! – todos nós agradecemos.

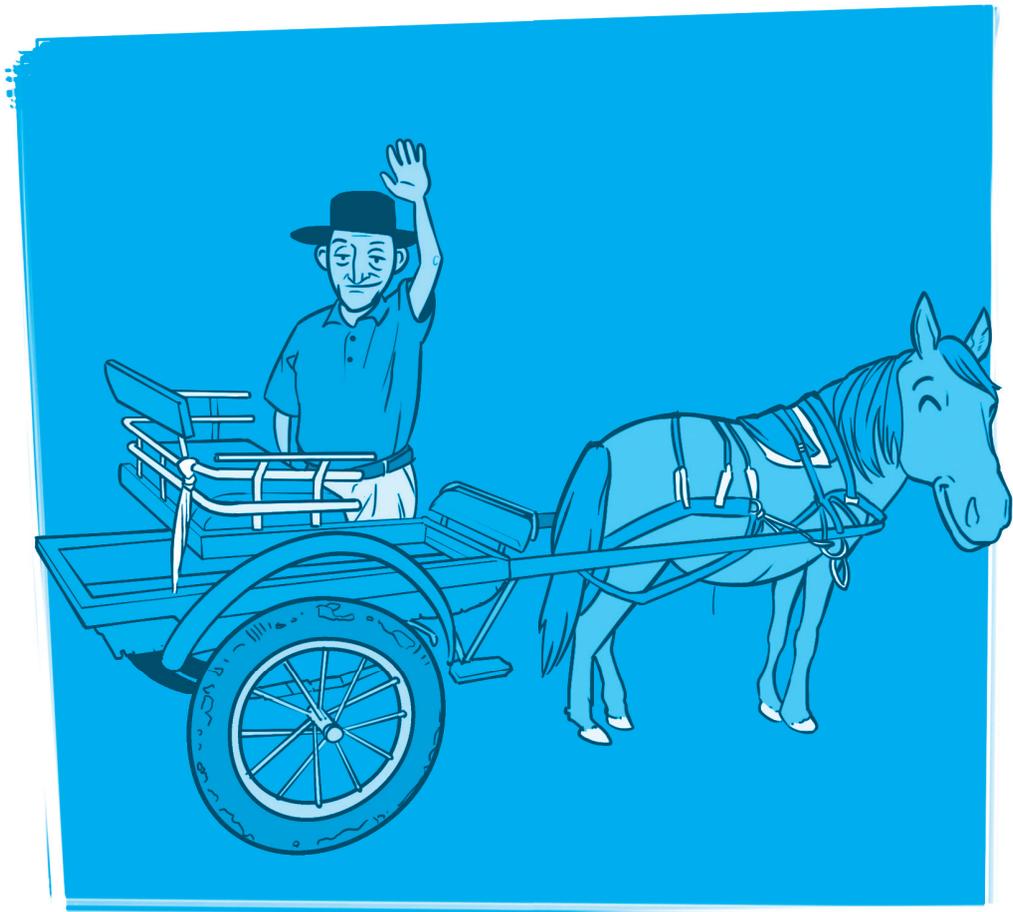
Saímos dali, felizes da vida.

Agora, estava tudo desvendado: a data, era vinte de julho. E o guia? Era o senhor André.

Ficamos por ali mesmo, fomos ao pomar comer algumas frutas tiradas do pé. Isso era bom demais.

Na hora do almoço, vovó falou com o vovô e ele concordou que poderíamos ir com o Sr. André.

Faltavam ainda dois dias. Então decidimos fazer muitas coisas: tomar banho no açude; brincar com o Ralf; assistir filmes... E os dois dias passaram voando.



Chegou o dia vinte! Quando acordamos, vovó já estava lá na cozinha, com um bolo de aniversário e com um lindo buquê de flores. O buquê? Ela mesma fizera com as flores do seu próprio jardim.

Senhor André já estava com a charrete pronta a nos esperar. Estávamos ansiosos. O coração a palpitar.

Logo após o café da manhã, vovó fez as recomendações:

— Cuidado no caminho. Fiquem atentos a qualquer sinal de perigo. Cantem os parabéns para a dona Lúcia. Digam para ela que em breve iremos lá. E quando a tarde chegar, voltem cedo. Nada de estarem ainda na estrada ao anoitecer. Boa viagem!

Seguimos viagem! Foi um passeio fantástico! As estradas floridas, o canto dos pássa-

ros, as borboletas. Passamos por um rio, e de longe avistamos a cachoeira.

Vovó havia dito que a casa do bisavô Zacarias ficava depois da cachoeira. Então mal conseguimos apreciar a beleza da cachoeira, já ficamos ansiosos para chegar ao local do tesouro. De longe avistamos uma bela e enorme casa, de alpendres, rodeada de flores e um senhor que aguava as plantinhas.

Chegamos! O Sr. André foi logo cumprimentar o Sr. Francisco e entregar algumas encomendas que o vovô mandou. Ele havia mandado tudo que era necessário para fazer o nosso almoço e para o lanche da tarde.

Logo nos apresentamos, perguntamos por dona Lúcia e levamos o bolo e as flores para fazer uma surpresa para ela. Cantamos parabéns! Ela ficou emocionada! Fizemos tudo direitinho, do jeitinho que a vovó recomendou.

Depois, dona Lúcia disse que ficássemos à vontade. Dissemos para ela que queríamos conhecer a casa grande do bisavô Zacarias. Sr. Francisco abriu as portas e as janelas e disse que se precisássemos de alguma coisa, era só chamar.

Então, a partir daquele momento começamos a vasculhar. A casa era enorme, tinha muitos espaços para explorar: muitos quartos, uma sala, um escritório, uma cozinha e uma sala de jantar. Cada quarto tinha um banheiro e tinha outro lá no meio do terreiro. No quintal, uma casinha cheia de ferramentas, e muitos instrumentos para trabalhar.

Começamos dentro de casa uma investigação. Em cada cômodo que entrávamos era uma nova emoção. Havia muitos móveis antigos, guarda-roupas, armários, sapateiras, cômodas, estantes... Em cada ambiente fazia-

mos uma exploração: olhávamos debaixo das camas, dentro dos guarda-roupas, dos armários, das sapateiras, etc. Passamos a manhã inteira e nem um sinal, nem de tesouro, nem do baú. Ainda faltavam alguns lugares para procurar quando a dona Lúcia nos chamou para almoçar. Fomos para o almoço. E depois, voltamos logo para procurar. Entramos em todos os cômodos, nos banheiros e na casinha do terreiro. E nada!

O dia estava quase terminando. Sr. André anunciou:

— Crianças! Daqui a uma hora temos que retornar para casa. Não podemos correr riscos nessas estradas quando anoitecer.

Ficamos até desmotivados. Voltamos então para a cozinha, e Vitória viu um detalhe que não havíamos observado. Tinha uma cortina ao lado de um armário cheio de louças

antigas. Vitória afastou a cortina, pensamos que ali só havia uma parede. Pois não é que havia uma porta! E a porta não estava fechada com chave. Abrimos a porta e vimos uma grande escada. Era escuro e tenebroso, mas, esquecemos até o medo e fomos à procura do tesouro. Paulinho que gostava de dar uma de detetive, sempre andava com a sua lanterninha, foi o que nos ajudou a descer as escadas.

Ao acabarem as escadas, encontramos um interruptor que acendia uma luz. Que alívio! Era um porão enorme. Cheio de tralhas, e começamos a vasculhar. Andamos, andamos e, de repente, avistamos algo coberto por um enorme pano.

— Deve ser o nosso tesouro! – gritou Paulinho empolgado.

Dava medo de puxar aquele pano. Por isso, decidimos fazer isso juntos. Cada um

pegaria uma ponta, e logo começamos a contar: um, dois, três e já!

Foi fantástico! Extraordinário! O porão ficou todo iluminado! Era um baú dourado. E o brilho se espalhou.

Estávamos ansiosos para abrir aquele baú. Decidimos abrir juntos o baú e novamente começamos a contar: um, dois, três e já!

Eram muitas cores, desenhos e sabores. Um baú cheio de livros, de encantos e fantasias, com histórias fascinantes, para lermos noite e dia.

Tivemos que sair correndo para pedir ao Sr. André e ao Sr. Francisco para nos ajudar a carregar nosso tesouro.

Sr. André e Sr. Francisco não ficaram nem surpresos. Colaboraram com os planos do vovô, da vovó e da tia Nazaré o tempo inteiro.

Mas isso, nós só descobrimos bem depois.

Ainda bem que na charrete do vovô tinha um pequeno guincho. Sr. Francisco tinha uma carrocinha que prendia na charrete quando precisava levar algumas coisas para o vovô Joaquim. Foi assim que conseguimos transportar o nosso tesouro até a casa do vovô.

Foi um dia fabuloso! Chegamos à casa do vovô e fomos ver todos os livros que tinham no baú. Tinha livro de todo jeito: de mistério e de terror, tinham comédias fascinantes e romances de amor. Eram histórias para todas as idades. Poemas, narrativas e cordéis. Tinha o livro O Senhor dos Anéis; As Crônicas de Nárnia e os livros do Harry Potter; Tinha também O Pequeno Príncipe e O Príncipezinho Malcriado; O Hobbit; os livros do Percy Jackson; O Sítio do Pica pau Amarelo; Marcelo, Marmelo Martelo e O Menino Maluqui-

nho. E muitos, muitos outros. Com muitas histórias fantásticas que podem nos levar a outros lugares, fazer viagens, desvendar enigmas, realizar sonhos e nos levar a conhecer outros mundos.

Quanto ao restante das férias? Dá até pra imaginar!

Começamos a ler os livros! Eram muitos mistérios para desvendarmos. Eram muitas histórias fantásticas para nos deleitarmos.

E, ao se aproximar o dia de voltarmos para casa, precisávamos dividir os livros e combinamos de fazer uma ciranda que funcionaria assim: à medida que fossemos terminando as leituras, iríamos trocando os livros uns com os outros. Assim, poderíamos ler todos os livros que desejássemos.

Essas foram as melhores férias de nossas vidas...

E o que foi mais interessante! Agora eu vou contar! É que o Paulinho e o Rafinha não gostavam muito de ler e de estudar. Depois desse tesouro, começaram a gostar. Eles leem um livro após o outro, não dá nem para acreditar. Foi uma grande transformação em suas vidas. Vale à pena revelar!

A leitura nos proporcionou o acesso a outras culturas e a conhecimentos diversos. Esse foi o melhor presente que vovô Joaquim e vovó Helena poderiam dar para os seus netos.



Vanusa Benício Lopes

Sou Vanusa Benício Lopes, sou professora, nasci em Quixadá-Ceará, depois mudei para Ocara-Ceará, onde tive a oportunidade de conhecer e trabalhar com os livros das coleções Paic, Prosa e Poesia. No momento, estou morando em Fortaleza, onde curso o Doutorado em Linguística Aplicada na Universidade Estadual do Ceará e realizo uma pesquisa por meio da qual trabalho com Letramento Literário utilizando Círculos de Leitura. Assim, reconheço na Literatura uma oportunidade para viajar, desvendar enigmas e realizar sonhos, chegando à alegria de conhecer o mundo.



Adams Pinto

Cearense e ilustrador desde criança, fazia super-heróis imaginários digladiando nos cantos do caderno em plena aula de matemática. Um sonhador intranquilo que, ao se tornar adulto, criou estampas para camisarias *geeks* mundialmente famosas e, em paralelo, fez a arte de alguns livros do PAIC como: A Festa dos Bichos, A Família Musical de Joãozinho, Era uma Vera uma vez que não era, A mercearia da Dona Maria; e O Grilo, a Cigarra e o Piolho. Hoje, segue firme em sua jornada através das sinuosas estradas de lápis e pintura digital.